

JUVENTUDE E ATIVISMO: ESTRATÉGIAS DE CIBERATIVISMO EM CONTEXTO DAS OCUPAÇÕES DE 2016

Isrhael Mendes da Fonseca
Karina Ketlen de Sousa Fernandes
Francisca Janaina Ribeiro Tavares
Maria Daniele Brito Oliveira
Atonia Solange Pinheiro Xerez

Universidade Estadual do Ceará - isrhael.mendes@aluno.uece.br

Universidade Estadual do Ceará - karinafernandes027@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará - janaina.uecetavares@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará - mdanibrito@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará - antonioxerez@yahoo.com.br

Resumo: O processo revolucionário ocorrido no Brasil entre os anos de 2015 e 2016, conhecido como “Ocupações Secundarista”, tem um histórico que remete a um cenário internacional de luta. Neste sentido, este texto traz algumas reflexões acerca da origem das ocupações no país, como também do processo de emancipação dos sujeitos participantes, os ocupandos. As lutas secundaristas que busca uma melhoria educacional, iniciada em São Paulo, deu origem, no Brasil, a mobilização por educação de qualidade, por estrutura física e pedagógica que suprissem a necessidade dos alunos. Mas anterior ao Brasil, o início dessas mobilizações ocorreram no Chile, no ano de 2006; trazendo ao país melhoria na qualidade educacional. Inspirado nisso, como já posto acima, o Brasil desencadeou por boa parte do território, o movimento Ocupa Escola. Diante disso, essa pesquisa se centra em uma formação acerca do ciberativismo, onde o projeto de extensão Educação e cidadania: jovens da escola pública e suas possibilidades e limites para ingressar à universidade, da Universidade estadual do Ceará, promoveu uma oficina, juntamente com uma professora do Centro de Educação da UECE, que pesquisa cibercultura, para compreender o processo de ocupação, específica de uma escola do estado do Ceará, como também dar suporte aos ocupandos para fazerem, através da redes sociais, uma mostra de como funciona a ocupação, também convidando a toda comunidade escolar, uma vez que os discursos construídos contra as ocupações estavam latentes nas mídias e nas comunidades. Para tanto, optamos por trabalhar com uma pesquisa de cunho qualitativo a fim de visualizar os sentidos e significados que os sujeitos atribuem aos fatos e a sua vida como preocupação dos investigados e enfoque indutivo. No sentido de atingir os objetivos propostos neste trabalho, adotou-se como fundamentação teórica, contribuições de estudos e pesquisas desenvolvidas por relevantes teóricos nas temáticas discutidas, Freire (1996), Lemos (2010), Moraes (2006), Bittencourt (2015), Toret (2012), Gutierrez (2013), Antoun (2001). Face ao exposto e das observações realizadas, percebemos uma luta conjunta entre docentes e discentes, por uma causa em comum: Educação de qualidade. Além disso, as tecnologias se encaixam nesse contexto como uma forma de auxiliar e fortalecer a luta dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Ocupações, Educação, Ciberativismo.

INTRODUÇÃO

O processo revolucionário ocorrido no Brasil entre os anos de 2015 e 2016, conhecido como “Ocupações Secundarista”, tem um histórico que remete a um cenário internacional de luta. Dessa forma, constata-se que as lutas secundaristas ocorreram em outros países em períodos anteriores ao do Brasil; diante disso, nesta pesquisa, nos remetemos a um grande pólo de luta secundarista, o Chile, para demonstrar por onde iniciou as batalhas a favor da Educação.

[...]em 10 de março de 1990, Pinochet promulgou, entre outras, a Lei Orgânica Constitucional da Educação, que privatizou a educação chilena, restando ao Estado apenas o financiamento desta, não controlando sequer os fundos que repassa. Assim, além de possuir escolas públicas próprias, o governo também subvenciona o estudo de crianças e de jovens de menor renda em escolas privadas, as chamadas escolas charters. Além disso, as universidades públicas também são pagas, de modo que os alunos formam-se com uma dívida que marca o início da vida profissional[...] (Gimenes, 2016)

Foi a partir disso, que em 2006, secundaristas chilenos sentiram a necessidade, que há muito deveria ter ocorrido, de lutar por transformações sociais, sobretudo na Educação. Dessa maneira, foram em maioria à luta por uma qualidade educacional, mais precisamente 90% dos estudantes; todos eram jovens do ensino básico, que lutavam por:

a gratuidade do exame de seleção para a universidade (PSU), passe escolar gratuito e sem restrições de horário para transporte municipal, melhoria e aumento da merenda escolar além da reforma das instalações sanitárias em estado inadequado para utilização em muitas escolas (ZIBAS apud FERNANDES; SOARES, 2012)

Diante destas pautas, os então conhecidos como “pinguins”, devido aos seus uniformes escolares típicos, tiveram êxitos em quase totalidade dos pedidos, pois a então presidenta da época, Michelle Bachelet, cumpriu com seu dever. Posteriormente, logo em 2012, outras manifestações se iniciaram, mas agora com um caráter mais adulto, pois eram, dessa vez, os estudantes do ensino superior que reivindicavam por Educação de qualidade neste nível. Suas pautas eram por mensalidades com preços mais amenos, pois lá não existia ensino gratuito, como já dito acima, e por uma melhor qualidade no ensino; infelizmente eles não tiveram suas demandas amplamente atendidas. Dessa forma, mesmo diante dessa perda para o movimento, eles se mostraram militantes, e levaram o nome do Chile ao cenário de lutas, por uma Educação de qualidades. Diante desses marcadores de lutas, os estudantes do ensino básico no Brasil se mostraram também a favor deste desafio, mas atento a isso somente em 2015, depois de um contexto de reivindicações políticas macro, uma vez que as jornadas de julho já haviam acontecido. Iniciando as campanhas por volta de outubro de 2015, os

estudantes Paulistas foram, no Brasil, precursores desses atos.

Dessa forma, foi a partir de um desentendimento entre o Governo do Estado de São Paulo com a comunidade escolar, visto que diante de uma proposta, advinda da Secretaria de Educação, extremamente arbitrária, na qual propôs uma reforma por ciclos, onde diversos espaços escolares passaria a atender somente a um público da educação, assim escolas incumbiriam *Ensino Fundamental 1*, *Ensino Fundamental 2* e *Ensino Médio* em espaços diferentes. Essa proposta, que reprimiria o acesso de muitos a Educação, por conta do deslocamento que iriam fazer para acessar à sua escola, uma vez que suas instituições de ensino para muitos, passariam a se localizar em regiões distantes das suas casas, tendo que se preocupar com horário, pois teriam que sair mais cedo, e também com os custos dos transportes, visto que era inviável a chegada sem transporte.

A vista disso, no dia 10 de novembro de 2015, a primeira escola foi ocupada; os alunos do colégio Fernão Dias iniciaram com a proposta de restringir o projeto aceito pelo governo de São Paulo, portanto só cessariam a ocupação quando o governo recuasse com o seu projeto. Diante disso, o governo não respondeu satisfatoriamente aos pedidos do alunado, portanto os alunos continuaram na luta e muitos outros vieram a somar. Com isso, quase 200 escolas em todo o estado de São Paulo foram ocupadas, de forma política e coesa, assim com uma estrutura organizacional onde tudo era deliberado por assembleias e todos estavam incumbidos com alguma função social e política dentro do seu espaço de ocupação.

Face a proposta das ocupações, muitos intelectuais, artistas, pais e mestres foram a favor da ocupação; assim ajudando o alunado na construção da sua autonomia, diante disso nos baseamos em Freire que explicita: “no fundo o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridades e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.” (Freire, 1996, p.92) pois eram eles, os educandos, que protagonizaram todo o processo de construção desta luta. Visto que a deliberada proposta do governo de Geraldo Alckmin visava uma estrutura escolar que muito iria prejudicar a comunidade que a usufrui, ou seja pessoas de classe menos favorecidas, onde a única forma de educação formal é essa, a escola que se localiza no bairro ou em regiões adjacentes. Diante dessa luta, as ocupações ganharam corpo de luta política e passaram para uma esfera nacional brasileira, onde outros estados adotaram como formas de protesto contra a desvalorização da educação pública brasileira. Entre os estados que adotaram esse modelo político de protesto está o Ceará, outro grande estado que teve de forma ampla as ocupações de escolas públicas de forma organizada, formadora e de luta.

AS OCUPAÇÕES NO ESTADO DO CEARÁ E A PARTICIPAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Como já falado, o movimento de luta secundarista ganhou corpo nos quatro cantos do Brasil, e o Ceará foi um grande expoente deste movimento. Foi a partir da greve dos professores do Estado do Ceará, que os alunos se organizaram para lutar por seus direitos à educação de qualidade, que como já naturalizado no discursos dos administradores das instituições públicas, não têm qualificação estrutural, não há verba para manutenção; tornando a Educação Pública desprestigiada e sem méritos. Mas pensando diferente dos administradores, os alunos foram à procura de melhoras. Foram mais de 150 escolas ocupadas em todo território cearense e quase que por unanimidade a categoria dos docentes paralisaram suas atividades; ambas as ações se mantiveram por volta de cinco meses.

Durante esses cinco meses, os alunos protagonizando suas pautas, fizeram diversos atos de repúdio à situação estrutural das políticas voltadas à educação pública neste país, assim desenvolveram diversas ações junto aos seus pares, como a comunidade do bairro onde a escola localizava-se, corpo discente conivente com as práticas de ocupação, professores e alunos universitários. Diante disso, o alunado das ocupações sempre procurava mostrar os seus reais anseios, muitas vezes primários, por uma melhoria educacional, como uma melhor estrutura física escolar, uma refeição de melhor qualidade, pois a que o estado pagava per capita custava 30 centavos, mas que o governo queria, ainda, baixar para 23 centavos, e por mais projetos comunidade e escola. Nessas pautas, também, se buscavam muitas particularidades dadas por contextos escolares individuais.

Com esse olhar mais individual, nos remetemos a escola lócus do projeto de Extensão, no qual essa pesquisa surgiu; também ocupada por estudantes secundarista, a Escola Jáder Moreira de Carvalho - JMC, uma das primeiras a participar deste movimento político em busca de melhores qualidades para Educação, teve um importante papel durante esta batalha. No início de sua ocupação, que se deu no dia quatro de maio de 2016, reuniu cerca de 70 estudantes da escola para compor o núcleo de ocupação, todos coesos ideologicamente para obter um fim. A partir desta união muitas foram as atividades realizadas na escola, foram de tarefas domésticas à políticas de formação. Contam que as atividades domésticas eram divididas por setores e por afinidades, ficando aquele aluno responsável por sua parte. Já as de formação, era sempre destinadas a todos da ocupação e da comunidade escolar, ou seja, pessoas que não faziam parte do núcleo discente da escola também poderiam participar para, inclusive, entender o processo político

que estava ocorrendo. Assim, diversas atividades como rodas de conversas, oficinas e cine-debates foram realizadas para a formação e compreensão política das ocupações secundarista, para que esta luta não perdesse o foco, dessa maneira, o projeto de Extensão teve sua participação em rodas de conversas e em oficinas.

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO PARA AS OCUPAÇÕES

A iniciativa do projeto Educação e Cidadania: Jovens da Escola Pública e suas possibilidades e limites para ingressarem na universidade, para com a ocupação JMC era de otimizá-la, ou seja, de formar os sujeitos que estavam fazendo parte daquele processo, para que assim eles pudessem ir mais adiante com suas lutas. Dessa forma, foi utilizado uma metodologia a partir da ideia de diálogo que Paulo Freire nos traz,

é uma relação de A com B, de forma horizontal, assim nascendo de uma matriz crítica que gera criticidade. Que é nutrido através de amor, de humanidade, de esperança, de fé e de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica. (Freire, pag.68)

Dessa forma, a partir das ideias freireanas, foi iniciada as ações com uma roda de conversa junto a uma professora da Universidade Estadual do Ceará - UECE, cuja a proposta era compreender o ponto de vista dos educandos do JMC para com o ato político de fazer ocupações, com isso inferimos que estavam em busca de se compreenderem e de se situarem nos seus espaços sociais, para que assim o transforme. Como inferido também, eles percebem que é através da Educação que muitas dos acontecimentos, sobretudo sociais, são solucionados, assim denota-se que eles se tornam sensível para o status que a Educação tem e para quem as tem, sobretudo, com qualidade. Diante disso, Freire (p.37)

As massas passam a exigir voz e voto no processo político da sociedade. Percebem que outros têm mais facilidades que eles e descobrem que a Educação lhes abre uma perspectiva. Às vezes emergem em posição ingênua e de rebelião e não evolucionária ao se defrontarem com os obstáculos. Começam a exigir e a criar problemas para as elites. Estas agem torpemente, esmagando as massas e acusando-as de comunismo. As massas querem participar mais na sociedade. As elites acham que isto é um absurdo e criam instituições de assistência social para domesticá-las.

Portanto, o papel que a Educação tem na formação intelectual, social e subjetiva dos sujeitos, que de alguma forma estão inseridos nela, é transformador, levando-os a ter um discernimento e um papel social mais ancorado e assumido pelos demais seres sociais, sobretudo pela a classe dominante, que muitas vezes não deixa os desfavorecidos ascenderem a um ambiente mais intelectualizado.

AS OCUPAÇÕES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA

As ocupações realizadas pelos estudantes secundaristas no ano de 2016, acompanham um processo de ampliação da comunicação e formas de atuação dos movimentos sociais, pois no final do século XX e no início do século XXI, tais movimentos contam com o auxílio das tecnologias móveis e redes digitais. Portanto, a forma de articulação dos movimentos secundaristas e outros movimentos sociais, atuaram e atuam por intermédio das redes sociais virtuais, que contam com novas formas de comunicação e informação, neste contexto a internet.

O contexto de Cibercultura possibilitou um cenário fértil para ações de indivíduos e grupos que tinham interesses em fazer reivindicações e participar direta ou indiretamente das atividades de ocupação, objetivando explorar o potencial comunicativo das redes. Para tanto, uma das atividades ocorrida na ocupação do JMC foi mediada por uma, também, professora da Universidade Estadual do Ceará - UECE, cujo o conteúdo principal era o papel dos educandos secundaristas na Mídia; pois o processo em que estavam imersos era de uma grande mídia, comandada por grandes empresários e políticos com interesses divergentes dos interesses estudantis, usaram de sua função antidialógica para deturpar as solicitações e marginalizar os envolvidos na ocupação, como promotores de mudanças sociais, ou seja, estavam elas representando o movimento como atos de vandalismo, atos irresponsáveis, entre outras representações caluniosas.

Sendo assim, a proposta a qual a professora universitária do departamento de Educação da UECE levou, foi para que os indivíduos que estavam nesse processo revolucionário utilizarem-se das diversas formas de trocas comunicacionais com ênfase nas redes móveis, que de acordo com Lemos (2010), no que se refere a cibercultura, ainda que em sintonia com os parâmetros da racionalidade moderna, potencializa certo vitalismo social, para o autor, a cibercultura criou possibilidades de reencantamento através de agregações eletrônicas e de um novo fazer artístico por meio das tecnologias digitais.

Significa dizer que, as redes sociais são espaços de comunicações dialógicos, pois possibilitam as trocas de quem informa e de quem recebe; a exemplo disso a televisão, onde só há voz para quem informa. Podemos afirmar também que existe um espaço propício para os movimentos sociais no séc. XXI, a medida em que os debates gestados em rede são multidirecionais e interativos.

Desse modo, os alunos foram expostos a exemplos de aprendizagem em rede, para que assim qualificassem o movimento; foi mostrado como deveriam utilizar as ferramentas midiáticas para beneficiar a ocupação. Face ao exposto, a formação ministrada pela professora referida, especializada na área de Educação em contexto de cibercultura, tratou com os educandos que lá estavam o uso e a aplicabilidade do facebook como ferramenta de comunicação e organização, é relevante informar que a escolha desta rede social se deu pelo fato de que os alunos a elegeram como principal plataforma de trocas comunicacionais.

CAMINHO METODOLÓGICO

Ao iniciarmos uma pesquisa é importante ter em mente qual o tipo de abordagem metodológica melhor se adequará para que os objetivos sejam alcançados. Nesse sentido, para este estudo, a metodologia escolhida foi uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (1994, p.57) “[...] se conforma melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.”

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa dispõe das seguintes características: o ambiente natural como fonte direta de dados, o pesquisador como instrumentos fundamental, o caráter descritivo, o sentido e o significado que os sujeitos atribuem aos fatos e a sua vida como preocupação dos investigados e enfoque indutivo.

No intuito de atingir os objetivos propostos neste trabalho, adotou-se como fundamentação teórica, contribuições de estudos e pesquisas desenvolvidas por relevantes teóricos nas temáticas discutidas, Freire (1996), Lemos (2010), Moraes (2006), Bittencourt (2015), Toret (2012), Gutierrez (2013), Antoun (2001), buscando articular e relacionar os dados encontrados com o referido projeto descrito neste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A apropriação do facebook como ferramenta de comunicação e compartilhamento de informações adotada pelos estudantes envolvidos direta ou indiretamente nas ocupações obedecem a uma lógica de socialização midiáticas (MORAES, 2006). O fato primordial que desencadeou uma série de denúncias em rede a respeito de questões econômicas, sociais e políticas no Brasil se deram em 2013 (BITTENCOURT, 2015), nos protestos contra os grandes gastos do governo com as copas das confederações, este movimento mostrou que as redes são capazes de divulgar as reivindicações e

juntar um maior número de pessoas nas atividades em rua.

No caso da referida escola e em outras escolas engajadas no movimentos das ocupações, foi através do uso de sites de redes sociais, blogs e tecnologias móveis de comunicação digital que ocorreu a produção e disseminação de questões referentes aos movimentos de resistências, estas ações foram mobilizadoras de pessoas que estavam dentro e fora das redes digitais, importante ressaltar que as atividades atuaram de forma autônoma das mídias massivas, inclusive confrontando as grandes mídias que marginalizavam o movimento.

A apropriação das plataformas e dispositivos tecnológicos feita pelos estudantes para desenvolvimento de ações políticas nos remete aos estudos de Toret (2012) sobre o movimento espanhol 15M deram origem ao conceito de tecnopolítica, “El uso táctico y estratégico de dispositivos tecnológicos (incluyendo redes sociales) para la organización, comunicación y acción colectiva”. Toret (2012) este fenômeno social de relação é nomeado pelo autor de sociotecnológico, pois a união de grupos conectados virtualmente, a característica híbrida, física e virtual elaboram as identidades coletivas.

Os educandos engajados nas ocupações mantinham contato com estudantes de outras instituições, a conexão dos estudantes em rede no território brasileiro, foram gestados a partir de processos e protocolos de ação e organização que caracterizam padrões de auto-organização de revoltas que vêm acontecendo ao redor do mundo desde 2009, segundo Gutierrez (2013).

Os ocupantes das escolas elaboraram conteúdos pautados nas experiências de compartilhamento em redes e na utilização de diversas linguagens em seus posts (imagéticos, sonoros, artísticos), culminando na ocupação física das imediações da escola como forma de resistência e ativismo. A ocupação dos espaços da mídia por intermédio das redes sociais, transcendeu as ocupações das escolas, tudo pelo motivo de conectar identidades coletivas que transmitem conteúdos pautados nas realidades das ocupações por intermédio das redes, esta ação evidencia, a capacidade das mídias sobre a narração e desconstrução dos fatos ditados pelas mídias massivas de comunicação. As ocupações transcenderam as ruas através da conexão em rede e as identidades coletivas reverberaram os conteúdos colaborativos sobre os acontecimentos, colocando em discussão, além das causas, o poder da mídia de massa sobre a narração dos fatos.

As ações e protagonismo dos estudantes corroboram com os pensamentos de Antoun (2001), quando ele nos diz que, as ações gestadas no contexto do novo ativismo com a capacidade de interação e descentralização das redes

e sistemas de mídias digitais que conferem novos sentidos para o sistema político e a ideologia de militância e ativismo, usando para isso a internet como ferramenta de expressão, atividade e informação. É importante ressaltar que a mídia normativa não é totalmente desqualificada, entretanto não corresponde mais aos novos anseios dos movimentos sociais, estes estão interessados em ocupar os lugares de protagonismo, no que se refere à produção e recepção de conteúdos, pautados em objetivos de mobilização e escracho de políticas antissociais (Bittencourt, 2015).

Sendo assim, os movimentos de ocupações das escolas, em resistência ao sucateamento das políticas públicas de educação, efetuou ações online e offline, este fenômeno faz parte de uma cultura de ampliação das redes que engajam pessoas e causas intermediadas das novas tecnologias móveis e rede sociais (Idem, 2015). Independentemente do fato de que a maioria das mídias sejam geridas pelo governo, grandes empresas corporativas e seu ideal capitalista de relações sociais, os educandos conseguiram destacar seus objetivos com as ocupações, isto resulta do grande potencial que as redes sociais têm de criar trocas comunicacionais capazes de confrontar os governantes, denunciar abusos de autoridades e produzir conteúdos politizados e organizar ações de resistência e luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto e das observações realizadas, percebemos uma luta conjunta entre docentes e discentes, por uma causa em comum: Educação de qualidade. A maioria do alunado envolvido é iniciante dentro do movimento, e as ocupações oportunizaram convivência em grupo, autonomia em suas ações e decisões, e principalmente, desenvolveram um pensamento crítico/reflexivo para lutar contra um governo que coloca o sistema educacional em segundo plano.

As tecnologias se encaixam nesse contexto como uma forma de auxiliar e fortalecer a luta dos movimentos sociais; o cenário da Cibercultura potencializou a comunicação entre os grupos que participavam ativamente das reivindicações, pois conseguiram uma comunicação mais fácil e acessível entre os próprios membros e atingiram um maior número de pessoas interessadas em participar das manifestações.

A oficina conduzida pela professora da UECE, na escola, oportunizou para os alunos um conhecimento maior sobre como utilizar as redes sociais para beneficiar os movimentos de ocupações, assim os participantes puderam organizar melhor suas estratégias

de divulgação das informações necessárias para a continuidade do movimento.

Nesse sentido, constatamos que a formação oferecida aos alunos da escola proporcionou um aprendizado muito importante durante o período de ocupação, pois depois desse momento observamos que o movimento se fortaleceu ainda mais, pois as informações que eram repassadas pelas mídias sociais conseguiram atingir um número bem maior de pessoas interessadas nas atividades e conseguiu unir ainda mais os integrantes de outras escolas ocupadas.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, H. Jornalismo e ativismo na hipermídia. **Revista da FAMECOS**, Porto Alegre, n. 16, p. 135-147, 2001.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. **Narrativas coletivas? Mídiação do ativismo no Mídia Ninja e no RioNaRua**. In: INTERIN: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens Universidade Tuiuti do Paraná. Paraná: Universidade Tuiuti do Paraná, v. 11, n. 1, 2015. Semestral. Disponível em: <<http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/view/342>>. Acesso em: 20 set. 2016.

BLUME, Bruno André. **Ocupações das escolas: entenda**. Brasil, 03 de novembro de 2016. Disponível em <<http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/>>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

FREIRE, Paulo (1981) **Educação e Mudança**, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GIMENES, Camila Itikawa. **Ocupar e resistir: entre o político e o pedagógico nas escolas ocupadas**. São Paulo, 02 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/02/ocupar-e-resistir-entre-o-politico-e-o-pedagogico-nas-escolas-ocupadas/>> Acesso em: 05 de maio de 2017.

GUTIERREZ, B. **Três anos de revoltas conectadas**. Disponível em: <<http://goo.gl/08IF0C>>. Acesso em: 12/08/2015.

_____. B.; SOTO, P. **De Tahrir a Gamonal: la calle global y el hacer la política**. Disponível em: <<http://goo.gl/OZ9Ete>>. Acesso em: 12/08/2015

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

TORET, J. Uos prna mirada tecnopolítica sobre limeros dias del #15M. In: Comunicación y Sociedad Civil, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/obiA1M>>. Acesso em: 12/08/2015.

ZIBAS, Dagmar. A revolta dos pinguins e o novo pacto educacional chileno. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, p. 199-220, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/02.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

